

Interesse pela privatização

por Claudia Safatle
de Nova York

Há um forte interesse no programa de privatização brasileiro, sobretudo se a revisão constitucional flexibilizar o capítulo dos monopólios da União, abrindo espaços para a venda de empresas no setor das telecomunicações.

O ex-diretor da área de privatização do BNDES, Sérgio Zendron, fez uma exposição do programa de privatização realizado até agora no Brasil e, depois de terminada a explanação, os representantes de bancos e empresas estrangeiras, que compareceram ao seminário promovido pela Gazeta Mercantil e Banco do Brasil, ontem, no Hotel Marriot Marquis, em Nova York, solicitaram mais de uma centena de cópias dos dados levados por Zendron.

Das 65 empresas incluídas no programa de privatização, foram vendidas todas as estatais do setor siderúrgico (Usiminas, Piratini, Cosinor, CST, Acesita e CSN), nove do setor petroquímico (Copesul, Petroflex, Alcalis, Nitriflex, Polisol, PPH, CBE, Poliolefinas e Oxiten), quatro da área de fertilizantes (In-



Sérgio Zendron

dag, Fosfertil, Goiásfertil, Ultrafertil) e outras quatro de segmentos variados (Mafersa, Celma, SNBP e Usimec).

Os leilões de privatização representaram negócios da ordem de US\$ 6,48 bilhões, sendo que as empresas do setor siderúrgico apuraram US\$ 4,52 bilhões; mais US\$ 1,35 bilhão do setor petroquímico; US\$ 453,4 milhões com as empresas de fertilizantes; além de US\$ 151,9 milhões com as demais empresas privatizadas.

“O sucesso do programa de privatização do governo federal está incentivando os governos estaduais e

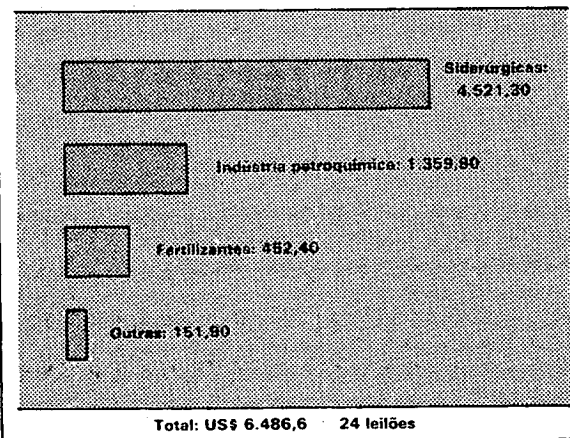
municipais a seguir o mesmo caminho. Na semana passada o governo do Estado de São Paulo anunciou que vai vender a Companhia Paulista de Força e Luz. E a aprovação definitiva da lei de modernização dos portos, da lei de concessões dos serviços públicos e a inclusão de novas moedas no programa de privatização (as chamadas moedas sociais como FGTS, FCVS e PIS/Pasep) darão um novo impulso ao programa.

O representante da Salomon Brothers, Alfredo Viagas, assin como Varun Gosain, do Paribas Capital Market Group, perguntaram sobre a possibilidade de utilização dos CRC (uma conta de resultados do setor de energia elétrica) e dos títulos da dívida externa (os novos bônus) como moeda de privatização. Zendron disse que, no caso dos títulos da dívida externa, não haveria interesse do governo em aceitá-los “por causa do spread” e adiantou que as novas moedas deverão surgir sobretudo da chamada dívida social.

Dos US\$ 6,48 bilhões apurados com as privatizações já realizadas, o governo usou US\$ 6,319 bilhões para

RESULTADOS DA PRIVATIZAÇÃO

(Em US\$ milhões)



Fonte: BNDES

reduzir a dívida. Comparado aos programas de privatização do México, da Argentina e da Venezuela, o Brasil fica em terceira posição.

Até agora o governo mexicano obteve receitas equivalentes a US\$ 21,42 bilhões, dos quais US\$ 6 bilhões foram utilizados para redução de dívida. Mas para chegar a esse montante o governo mexicano, que tinha o sistema bancário fortemente estatal, priva-

tizou-o, apurando receitas de US\$ 12,31 bilhões. A privatização da empresa de telecomunicações, a Telmex, rendeu outros US\$ 6,1 bilhões. Na Argentina, o programa resultou numa receita de US\$ 12,13 bilhões sendo que a metade foi destinado à redução de dívida e, na Venezuela, foram até agora US\$ 2,2 bilhões, dos quais 10% foram destinados à recompra da dívida externa.